

ÍNDICE

Agradecimentos	7
Abreviaturas dos livros da bíblia canónica.....	13
Introdução.....	17
Infância de Lutero	27
Monge Agostinho e professor universitário.....	35
Pedro Lombardo	45
Professor de Wittenberg.....	47
Lutero em Roma.....	48
Lutero, professor de teologia (1513-1517).....	66
Carta aos Romanos (1515-1516).....	93
Predestinação	110
Igreja e sociedade	115
Carta aos Gálatas (1516-1517).....	119
Epístola aos Hebreus (1517-1518)	120
As 95 teses e o mundo das indulgências (1517).....	128
As 95 teses de Martinho Lutero	139
Agostinhos e Dominicanos	155
Controvérsia de Heidelberg (1518).....	160
Lutero, papa e imperador.....	174
Disputa de Leipzig.....	183
Lutero, Spalatino, Staupitz e Erasmo.....	189
1520: o ano de todas as decisões.....	201
Entre a bula e a dieta de Worms	207
O cativoiro babilónico da igreja	211
Sacramento da ceia.....	215
Sacramento do batismo	221
Sacramento da penitência	226

Confirmação	228
Matrimónio	231
A ordem	237
Extrema-unção.....	243
A liberdade do cristão.....	246
Lutero queima a bula papal	253
Dieta de Worms (1521).....	254
Erasmus, o maior dos humanistas	256
Regressando a Worms	263
O sequestro	279
O morto está vivo	281
Lutero e Maria.....	283
Segunda parte	289
Lutero e a universidade de Lovaina.....	291
Lutero e Karlstadt.....	292
Lutero e Henrique VIII.....	296
Lutero regressa a Wittenberg	298
Os pregadores (1523).....	302
Reforma e escolas cristãs	305
Lutero e a economia.....	308
A guerra dos camponeses (1524-1525).....	314
Matrimónio e vida familiar	331
Ordem na liturgia (1523-1526).....	337
Catecismo (1529).....	342
Lutero e Zuínglio	344
A dieta e a confissão de Augsburgo (1530)	347
Depois da dieta de Augsburgo até Esmalcalda (1532-1537)	352
Concílio e artigos de Esmalcalda (1537-1538)	356
De Esmalcalda (1537) até à morte (1546).....	365
Concílio de Trento.....	381
O Lutero de Jacques Maritain.....	385
O Lutero de Henri Strohl	392
O Lutero de Joseph Lortz.....	404
O Lutero de Jean Wirth	414
O Lutero de Yves Congar	419
O Lutero de Marc Lienhard	423
A nova era ecuménica	429
Conclusões	448
Bibliografia.....	460

ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA CANÓNICA

Ab	Abdias
At	Atos dos Apóstolos
Ag	Ageu
Am	Amós
Ap	Apocalipse
Br	Baruc
Cl	Carta aos Colossenses
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2Cor	Segunda Carta aos Coríntios
1Cr	Primeiro Livro das Crónicas
2Cr	Segundo Livro das Crónicas
Ct	Cântico dos Cânticos
Dn	Daniel
Dt	Deuteronómio
Ecl	Eclesiastes (Qohélet)
Ef	Carta aos Efésios
Esd	Esdras
Est	Ester
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Fl	Carta aos Filipenses
Flm	Carta a Filémon
Gl	Carta aos Gálatas
Gn	Génese
Hab	Habacuc

Hb	Carta aos Hebreus
Is	Isaías
Jb	Job
Jd	Carta de Judas
Jdt	Judite
Jl	Joel
Jn	Jonas
Jo	Evangelho de João
1Jo	Primeira Carta de João
2Jo	Segunda Carta de João
3Jo	Terceira Carta de João
Jr	Jeremias
Js	Josué
Jz	Juízes
Lc	Evangelho de Lucas
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
1Mac	Primeiro Livro dos Macabeus
2Mac	Segundo Livro dos Macabeus
Mc	Evangelho de Marcos
Ml	Malaquias
Mq	Miqueias
Mt	Evangelho de Mateus
Na	Naum
Ne	Neemias
Nm	Números
Os	Oseias
1Pd	Primeira Carta de Pedro
2Pd	Segunda Carta de Pedro
Pr	Provérbios
Rm	Carta aos Romanos
1Rs	Primeiro Livro dos Reis
2Rs	Segundo Livro dos Reis
Rt	Rute
Sb	Sabedoria
Sf	Sofonias
Sir	Ben Sira (Siracides)
Sl	Salmos
1Sm	1Samuel

2Sm	2Samuel
Tb	Tobias
Tg	Carta de Tiago
1Tm	Primeira Carta a Timóteo
2Tm	Segunda Carta a Timóteo
1Ts	Primeira Carta aos Tessalonicenses
2Ts	Segunda Carta aos Tessalonicenses
Tt	Carta a Tito
Zc	Zacarias

Outras abreviaturas

a. C.	antes de Cristo
d. C.	depois de Cristo
AT	Antigo Testamento
ca.	<i>circa</i> (aproximadamente)
<i>Did</i>	<i>Didaché</i> , livro cristão dos finais do século I d. C.
Dtr	escritor ou escola deuteronomista
4Esd	Quarto Livro de Esdras, apócrifo judaico dos séculos I-II d. C.
NT	Novo Testamento
par.	paralelos bíblicos
<i>passim</i>	muitas referências ao tema em causa
<i>Q</i>	fonte evangélica <i>Quelle</i>
LXX	versão grega dos Setenta (Septuaginta)
v./vv.	versículo, versículos
Vg.	Vulgata de São Jerónimo

Obras de Lutero:

WA: Werke (Obras; edição Weimar)
WABr: Briefwechsel (Cartas; edição Weimar)
WATr: Tischreden (Conversas à Mesa; edição Weimar)
 Otto Clemen, *Luthers Werke in Auswahl*
 Teófanos Egido, *Lutero. Obras*

Sobre as edições das obras de Lutero utilizadas, ver os pormenores na «Introdução».

INTRODUÇÃO

O tema que vamos tratar tem sido objeto de milhares de livros, artigos e pronunciamentos religiosos, políticos, sociológicos, filosóficos. Só estranha o facto de nenhum autor português ter assumido, nestes quinhentos anos que nos separam de Lutero, a responsabilidade de escrever sobre esta pessoa que está na origem do protestantismo luterano e das igrejas evangélicas¹. A Europa continua a ser, a nível religioso, na maioria dos seus habitantes, uma Europa cristã *católica*, *ortodoxa* e *protestante*. E todos sabemos que, nestes quinhentos anos, não faltaram ataques doutrinários de

¹ Devemos apresentar o livro *Martinho Lutero. Diálogo e Modernidade*, Ed. Universitárias Lusófonas, abril de 1999. Trata-se de uma coleção de conferências do colóquio que assinalou os quatrocentos e cinquenta anos da morte de Lutero levado a efeito pela Universidade Lusófona. Foram conferencistas Viriato Soromenho-Marques («A reforma luterana no horizonte da filosofia política»), Alfredo Teixeira («Lutero e a modernidade teológica: os itinerários da questão hermenêutica»), David Sampaio Barbosa («A imagem de Lutero na historiografia católica»), Carlos H. do C. Silva («Liberdade cristã e pecado — para uma nova leitura do humanismo evangélico e místico de Lutero»), José Eduardo Borges de Pinho («O diálogo católico-luterano e sua perspetiva de futuro»), Dimas de Almeida («O paradigma protestante da Reforma e a reforma do paradigma protestante»), com prefácio de Frei Bento Domingues («Martinho Lutero em Portugal»). De obras estrangeiras apareceu apenas a tradução do livro de Johannes Hessen, *Lutero visto pelos Católicos*, Coimbra, 1951, Ed. Arménio Amado, e o magnífico trabalho de Lucien Febvre, *Martinho Lutero. Um Destino*, da quarta edição francesa, de 1968, Ed. Bertrand, 1976, e uma nova tradução do mesmo autor, da Ed. Texto, 2010.

heresia de católicos contra protestantes e de *idolatria* de protestantes contra católicos. Pior ainda, houve guerras sangrentas entre as duas facções doutrinárias. Pertence ao tempo em que um católico não falava a um protestante. Tive a oportunidade, na década de 1960, de viver uns dias na Holanda e de ouvir da boca de jovens católicos o desabafo de que tinham pecado por terem falado e convivido com protestantes. Um confrade franciscano observou-me um dia, ao saber que ia praticar o meu alemão em terras da Alemanha: como é que te atreves a ir para a Alemanha da heresia luterana e do maldito nazismo? É verdade que, nestes últimos cinquenta anos, tudo mudou por obra e graça do Concílio Vaticano II ao defender a liberdade religiosa como um dos princípios fundamentais dos direitos humanos (*Dignitatis Humanae*, do Vaticano II), do estabelecimento da democracia representativa em Portugal, do nascimento da União Europeia e do trabalho ecuménico entre católicos e protestantes. Pelo meio surgiu o trabalho teológico e histórico de académicos católicos e protestantes a repor a verdade histórica e teológica seja sobre a pessoa de Lutero, seja sobre a «pessoa» da Igreja Católica. Mais ainda, surgiram as traduções ecuménicas levadas a efeito por católicos e protestantes. Hoje em dia existe uma boa relação académica, religiosa, espiritual, de amizade e respeito entre católicos e protestantes. Nunca esquecerei o impacto que recebi ao ler em 1975 o que o grande teólogo católico Pe. Yves Congar escreveu sobre Lutero: «Lutero é um dos maiores génios religiosos de toda a história. Coloco-o no mesmo plano que Santo Agostinho, São Tomás de Aquino ou Pascal. Posso afirmar que ainda é maior. Ele repensou todo o cristianismo. Ofereceu-nos uma nova síntese, uma nova interpretação.»²

Assim, a aventura de escrever sobre Lutero tem como finalidade colmatar um silêncio de cinco séculos de língua portuguesa. Não há dúvida de que hoje em dia os católicos veem a pessoa de Lutero pela positiva e não pela negativa, e o mesmo sucede com luteranos em relação a católicos. Valerá, então, a pena voltar à história do

² *Une Vie pour la Vérité. Jean Puyo Interroge le P. Congar*, Paris, 1975, p. 59. Em 1983, o mesmo Pe. Y. Congar escreveu a obra *Martin Luther. Sa Foi, Sa Réforme. Études de Théologie Historique*, Paris, Du Cerf.

século XVI e reler, uma vez mais, essa figura outrora tão amada e tão odiada? Se os antolhos de católicos e protestantes foram retirados da visão de ambos os lados, para quê voltar às feridas do passado? Penso que vale a pena repassar e reler, mais uma vez, a vida de um homem que marcou a história religiosa da humanidade, sobretudo da história do cristianismo. Regressar a Lutero é regressar a Jesus Cristo, a São Paulo, aos Evangelhos, à história dos Padres da Igreja, à Igreja como tal. É regressar às fontes com os olhos da exegese bíblica de hoje e com os olhos da cultura religiosa, científica, política e social dos nossos dias. Se Lutero nascesse hoje, tudo seria diferente. Mas a História tem os seus ritmos, a sua dinâmica e ninguém lhe pode fugir. A História é um filme de ação com os seus protagonistas maiores e menores. Lutero foi um protagonista maior. Para mim foi importante percorrer os caminhos de Lutero e que se podem resumir na seguinte cronologia:

1483. Nascimento de Martinho Lutero em Eisleben.

1484. Princípios de verão. A família Lutero foi viver para Mansfeld.

1497. Páscoa. Martinho frequenta a escola em Magdeburgo.

1498-1501. Martinho frequenta a escola em Eisenach.

1501-1505. Martinho na Universidade de Erfurt.

1501. Maio. Martinho matricula-se em Erfurt.

1502. 29 de setembro. Bacharel em Artes.

1505. 7 de maio. Mestre em Artes.

1505. 2 de julho. Por causa de algumas experiências a rondar a morte, Martinho emite o voto de entrar num convento.

1505. 17 de julho. Entra no claustro da Ordem dos Agostinhos de Erfurt.

1507. 2 de maio. Lutero é ordenado sacerdote na Catedral de Erfurt.

1508. Inverno. Lutero é professor durante um semestre em Wittenberg.

1509. Outubro. Regressa a Erfurt para ensinar as *Sentenças* de Pedro Lombardo.

Outubro de 1510-fevereiro de 1511. Viagem a Roma.

1511. Abril. Regressa a Erfurt e vai viver em Wittenberg.

1512. 19 de outubro. Doutor em Teologia.

1513. 16 de agosto. Professor de teologia bíblica com aulas sobre os Salmos.

- 1515.** Abril. Professor de teologia bíblica com aulas sobre a Carta aos Romanos.
- 1516.** 7 de setembro. Termina as aulas sobre a Carta aos Romanos.
- 1516.** 27 de outubro. Começa com as aulas sobre a Carta aos Gálatas.
- 1517.** 31 de outubro. Apresenta as 95 teses sobre as indulgências.
- 1518.** 26 de abril. Disputa em Heidelberg.
- Julho. Prierias ataca Lutero.
- 5 de agosto. Maximiliano escreve ao papa.
- 7 de agosto. O papa convoca Lutero a Roma.
- 8 de agosto. Lutero apela a Frederico, *o Sábio*.
- 25 de agosto. Chegada de Melâncton.
- 31 de agosto. Resposta de Lutero a Prierias.
- 26 de setembro. Lutero parte para Augsburg.
- 12-14 de outubro. Entrevista com Caetano.
- 20-21 de outubro. Lutero foge de Augsburg.
- 30 de outubro. Lutero regressa a Wittenberg.
- 8 de novembro. A bula papal *Cum Postquam*.
- 28 de novembro. Lutero apela para um concílio geral.
- 2 de dezembro. Lutero prepara-se para o exílio.
- 18 de dezembro. Frederico evita a marcha de Lutero.
- 1519.** 4-6 de janeiro. Entrevista de Lutero com Miltitz.
- 12 de janeiro. Morte de Maximiliano.
- 28 de junho. Eleição de Carlos V.
- 4-14 de julho. Disputa em Leipzig entre Lutero e Eck.
- 1520.** Janeiro. Hutten e Sickingen oferecem ajuda a Lutero.
- Maio. Lutero escreve o *Sermão sobre as Boas Obras*.
- 11 de junho. Cem cavaleiros oferecem a Lutero proteção. Escreve *O Papado em Roma*.
- 15 de junho. A bula papal *Exsurge Domine* dá a Lutero sessenta dias para se submeter.
- Agosto. Lutero publica *Discurso à Nobreza Alemã*.
- 6 de outubro. Lutero publica *O Cativo de Babilônia*.
- 10 de outubro. Lutero recebe a bula do papa.
- 4 de novembro. Carlos V, em Colônia, promete ouvir Lutero.
- 12 de novembro. Queima dos livros de Lutero em Colônia.
- Novembro. Lutero publica *Contra a Execrável Bula do Anticristo e A Liberdade do Cristianismo*.

- 28 de novembro. Lutero é convidado a comparecer em Worms.
 10 de dezembro. Lutero queima a bula papal.
 17 de dezembro. Anula-se o convite para Worms.
- 1521.** 3 de janeiro. Entra em efeito a bula papal *Decet Romanum Pontificem*.
 5 de janeiro. Frederico, *o Sábio*, chega a Worms.
 27 de janeiro. Abertura da Dieta de Worms.
 10 de fevereiro. O nuncio papal Aleandro recebe a bula contra Lutero.
 13 de fevereiro. Discurso de três horas de Aleandro.
 14 de fevereiro. Glapion procura uma mediação.
 17 de fevereiro. Prepara-se um edito contra Lutero.
 19 de fevereiro. Intensa oposição ao edito.
 22 de fevereiro. Decisão de chamar Lutero.
 2 de março. Segunda edição do edito.
 6 de março. Convite a Lutero.
 8 de março. Entra em vigor o edito para sequestrar os livros de Lutero.
 26 de março. Publicação do edito.
 10 de abril. Glapion informa sobre o seu fracasso perante Hutten e Sickingen.
 16 de abril. Primeira audiência.
 18 de abril. Segunda audiência.
 19 de abril. Carlos V anuncia a sua decisão.
 20 de abril. A dieta pede uma comissão.
 23-24 de abril. Audiência diante da comissão. Lutero abandona Worms.
 4 de maio. Lutero chega a Wartburg.
 8 de maio. Fica pronto o edito de Worms.
 26 de maio. A publicação real do edito de Worms³.
- 1521.** Lutero comparece na Dieta de Worms. O imperador Carlos V acaba por expulsá-lo do império. Refugia-se em Wartburg sob a proteção de Frederico, *o Sábio*, e, na solidão do seu refúgio, traduz o Novo Testamento em alemão, publicado em 1522.

³ Esta parte da cronologia, muito detalhada, foi retirada da obra de César Vidal, *El Caso Lutero*, Edaf, Madrid, 2008, pp. 201-4.

1525. Guerra dos camponeses.

1525. Casamento de Lutero com Catarina de Bora.

Dieta de Espira, que revoga o edito de Worms.

1530. Dieta de Augsburg e *Confissão de Augsburg*.

1534. Conclusão da tradução de toda a Bíblia.

1546. Morte de Lutero em Eisleben.

Reforma luterana consequente.

Depois de passar dois anos a ler o pensamento doutrinal de Lutero, perguntei-me, abismado: como é que vivi a minha vida de biblista e teólogo sem *ler* repousada e reflexivamente as obras de Lutero? Mais ainda, continuo a perguntar-me: como é possível que os meus professores católicos de Sagrada Escritura de Roma e Jerusalém nunca me tenham apresentado o pensamento bíblico de Lutero com as obras de Lutero nas mãos? Estas perguntas continuam, hoje em dia, atualizadas. Os professores católicos de teologia das nossas faculdades católicas, na maioria, continuam a proclamar catedraticamente a «santíssima trindade» luterana: *sola Fides, solus Christus, sola Biblia* («só a Fé, só Cristo, só a Bíblia»). Por seu lado, os teólogos protestantes, com algumas exceções, continuam a ensinar, na sua doutrinação académica, o pensamento luterano sem a eclesiologia católica e, tantas vezes, contra a eclesiologia católica. Repito: a nível académico, depois do Concílio Vaticano II, os académicos protestantes e católicos mudaram a agulha deste comboio académico, mas continuam *sem ler* as obras de Lutero.

A intenção deste livro é deixar falar Lutero, na dinâmica complexa e dramática da sua vida, para que os leitores, católicos e protestantes, crentes e não-crentes, pensem por si mesmos. É uma obra que — perdoem-me a ousadia — faltava em Portugal. Escrevo-a para teólogos, historiadores, pensadores, crentes e não-crentes. Quando cheguei ao fim, com mais de setecentas páginas, tanto o autor como a editora concluímos que era uma obra demasiadamente grande. O número de páginas resultava da minha intenção em deixar falar Lutero para que os leitores pudessem fazer o seu juízo. Este «espaço» luterano manifestava-se especialmente nas obras de Lutero do ano 1520, como veremos. Vi-me «forçado» a reduzir este espaço, como veremos.

Pertence à «Introdução» de qualquer obra histórica apresentar a metodologia da mesma, a começar pelas fontes. O leitor já se deu conta de que persigo uma metodologia estritamente histórica. Não se trata, pois, duma história de teologia bíblica, cristã e eclesial, a partir de Lutero. Sem dúvida que as pontes entre o estritamente histórico e o estritamente teológico são contínuas, uma vez que se trata da história de alguém que viveu para a teologia sempre de acordo com a sua vida pessoal e dramática de cristão frente ao pecado, à graça, ao diabo, ao juízo final e, sobretudo, frente à Igreja Católica do seu tempo.

As fontes a que tivemos acesso são constituídas pelas inúmeras obras publicadas por Lutero, um plumitivo extraordinário tanto em língua latina como alemã. A sua tradução do Novo Testamento em alemão constitui o maior acontecimento literário para a moderna língua alemã. Além dos grandes tratados sobre a teologia bíblica da salvação e sobre a eclesiologia, sempre reverbativa contra a Igreja Católica, escreveu centenas de cartas e deixou-nos as célebres *Tischreden* (*Conversas à Mesa*). Há edições críticas em alemão, inglês, francês, holandês e línguas nórdicas. Em alemão, a obra completa aparece em cem volumes com o título *Luthers Werke* (*Obras de Lutero*), da editora Weimar. Temos, portanto, as seguintes coleções:

WA: Martinho Lutero, *Werke* (*Obras*; edição Weimar).

WABr: Martinho Lutero, *Briefwechsel* (*Cartas*, 14 volumes).

WATr: Martinho Lutero, *Tischreden* (*Conversas à Mesa*, 6 volumes).

Otto Clemen, *Luthers Werke in Auswahl* (coleção das obras de Lutero em 8 volumes).

Em francês:

MLT: *Martin Luther, Oeuvres* (Labor et Fides, Genebra).

Em inglês:

LW: *Luther's Works* (Saint Louis e Filadélfia).

Em castelhano:

Lutero. Obras, ed. de Teófanos Egido.

Teófanos Egido oferece-nos, em tradução espanhola, uma antologia de obras importantes de Lutero⁴, a saber:

⁴ Ed. Sígueme, Salamanca, 2006.

Controvérsia sobre o valor das indulgências (1517). As 95 teses.
Tratado sobre a indulgência e a graça (1518).
Controvérsia de Heidelberg (1518).
Cativo babilônico da Igreja (1520).
A liberdade do cristão (1520).
Discurso pronunciado na Dieta de Worms (1521).
O *Magnificat* traduzido e comentado (1520-1521).
Direito da comunidade a eleger os seus pregadores (1523).
Aos magistrados de todas as cidades alemãs, para que construam e mantenham escolas cristãs (1523).
Sobre o comércio (1524).
Exortação à paz. A propósito dos 12 artigos dos camponeses da Suábia (1525).
Contra as hordas ladras e assassinas dos camponeses (1525).
A «missa alemã» e a ordenação da liturgia divina (1526).
Catecismo breve para uso dos párocos e pregadores em geral (1529).
Missiva sobre a arte de traduzir (1530).
Método simples de oração para um bom amigo (1535).
Os artigos de Esmalcalda (1537-1538).
Contra os 32 artigos dos teologastros de Lovaina (1545).
Prólogo à edição das suas *Obras Completas* em latim (1545).
Cartas.
Conversas à mesa.

Este autor, conhecedor profundo da obra de Lutero, ofereceu-nos uma «Introdução Geral» de 60 páginas sobre a obra de Lutero e introduções breves com a respectiva bibliografia (quase toda em alemão) a cada um dos tratados. Ao longo do nosso estudo teremos em boa conta esta antologia, que apresenta, realmente, o percurso teológico, bíblico e eclesial mais importante de Lutero.

César Vidal, num «Apêndice Documental», de 63 páginas, também nos apresenta alguns textos importantes para o nosso estudo, que usaremos de acordo com o andamento do trabalho.

Para dirimir problemas linguísticos e aprofundar algumas questões, servir-nos-emos do original alemão da edição de Otto Clemen, da Biblioteca do Seminário da Luz, e, principalmente, da edição Weimar, que consultamos na Biblioteca da Faculdade de

Teologia do Porto, oferta da Embaixada da Alemanha. Agradeço a esta faculdade todas as facilidades obtidas.

Repito o que já anunciei: foi minha intenção deixar falar Lutero. E é por isso que a obra se tornou volumosa. À medida que Lutero é lido, também é interpretado. Toda a literatura é objeto de interpretação. A minha interpretação é a de um teólogo biblista do século XXI.

INFÂNCIA DE LUTERO

Lutero nasceu a 10 de novembro de 1483, em Eisleben (Alemanha), e foi batizado na Igreja de São Pedro. Os seus pais foram Hans Lutero e Margaret Lindemann, de Mohra, na Saxónia. O pai deixou Mohra em busca de trabalho e foi fixar-se em Eisleben e Mansfeld. Encontrou trabalho nas minas de cobre e, cedo, arranjou um bom «pé-de-meia» para a sua família. Em 1491 já «figurava entre os membros do conselho da cidade»⁵. Era uma família humilde, mas com algumas posses, devotada inteiramente a Deus e à Igreja Católica. A educação era severa, de tipo patriarcal, de acordo com a cultura de então. O facto de o pai ser mineiro concedia-lhe o privilégio de ter podido estudar. Assim aconteceu com os estudos primários e secundários nas escolas de Mansfeld e Magdeburgo. Feitos estes estudos, entrou em 1501 na Universidade de Erfurt. A cidade era governada pelo arcebispo de Mogúncia. Na Faculdade de Artes estudava-se o *trivium* — gramática, lógica e retórica. Em 1502, Lutero é bacharel em Artes. Depois do *trivium* estudou o *quadrivium* — geometria, matemática, música e astronomia, e, com incidência especial, a filosofia.

Erfurt era reconhecida pelo ensino filosófico do chamado «nominalismo» do franciscano Guilherme de Ockham. Mais tarde, esta linha filosófica e teológica vai ser duramente criticada por Lutero.

Em 1502, Lutero já é bacharel em Artes, e aos 22 anos, depois de estudar o *quadrivium*, é mestre em Artes. Aqui chegado, tanto o pai como o filho decidem que este deve continuar os estudos

⁵ César Vidal, *idem*, p. 53.

académicos com a especialidade em direito. Entretanto, surge um imprevisto. Numa das suas andanças estudantis, ao regressar das aulas de Erfurt, no seu primeiro semestre, desencadeia-se uma forte tempestade e Lutero teme a morte. Confia-se a Santa Ana e promete ser monge se se salvar da morte. Assim aconteceu e Lutero decide abandonar o direito para se dedicar à vida religiosa, bem contra a vontade do pai. Poucas semanas depois, a 17 de julho de 1505, entra no mosteiro dos agostinhos reformados, em Erfurt.

Muito se tem escrito sobre esta reviravolta da vida de Lutero. O assunto tem o seu interesse porque marca para sempre a vida do reformador. Sem esta mudança de vida, Lutero nunca teria conhecido, por dentro, a vida da Igreja Católica, a Cúria Romana, os papas, bispos, religiosos, etc. E o assunto da tempestade também esclarece os medos de Lutero a nível religioso. Tem medo de morrer. Agarra-se à espiritualidade católica daquele tempo e faz uma promessa a Deus através de Santa Ana. As pregações da Igreja Católica incidiam profusamente na questão da morte e do juízo final. O jovem Lutero vivia rodeado desta espiritualidade. O facto aconteceu e foi, portanto, por motivos externos à sua vontade inicial que entrou na vida eclesiástica. Este drama psicológico, radicado na sua sensibilidade religiosa, perseguiu-lo-á durante toda a vida. Lutero é humano como todos os humanos e vai confrontar-se com a sua consciência de homem religioso para sempre. Ele e a sua consciência, isto é, o seu Deus e a sua consciência, constituirão o fio de prumo da sua vida, custe o que custar. De permeio está a Igreja, a Ordem dos Agostinhos, os sacramentos, a Eucaristia, a descoberta duma Igreja longe do evangelho e, sempre, o desejo infrene de obter a libertação interior dos seus medos em relação à morte, ao juízo final, numa palavra, à salvação. Lutero nasceu cristão, católico, sempre envolvido pela obsessão religiosa da salvação. E não é este o drama de qualquer crente, cristão ou não-cristão?

Mais tarde, homem casado, com mulher e filhos, «ditará» aos seus amigos familiares e «protestantes» a primeira narrativa das *Conversas à Mesa*:

«Eu, Martinho Lutero, nasci em 1483. O meu pai chamava-se João, a minha mãe Ana e a minha pátria Mansfeld [Eisleben pertencia à jurisdição de Mansfeld]. O meu pai morreu no ano 30 e a minha mãe em 31. Em 1516 comecei a escrever contra o papa.

Em 1518, o doutor Staupitz [superior dos agostinhos, professor universitário e amigo íntimo de Lutero] libertou-me da obediência da ordem [dos agostinhos] e deixou-me a sós em Augsburg, onde tinha sido chamado para comparecer diante do imperador Maximiliano e do legado pontifício, presentes em Augsburg. Em 1519, o papa Leão X excomungou-me da Igreja, o que foi para mim uma segunda libertação. Em 1521, o imperador Carlos [Carlos V] expulsou-me do império, o que foi para mim uma terceira “absolvição”. Mas o Senhor acolheu-me. O doutor Staupitz disse-me: “Liberto-te da minha obediência e encomendo-te a Deus.”⁶

Este pedaço de autobiografia é, a meu ver, importante. Lutero vai-se libertando dos seus votos religiosos de monge agostinho — primeira libertação —, da sua ligação à Igreja Católica — segunda libertação — e da sua ligação ao império sacro romano — terceira libertação. Sente que Deus, o Senhor, o liberta destes «cativéis» e o acolhe no seu seio. Liberta-se, pouco a pouco, da igreja «católica» para se inserir, também pouco a pouco, na igreja «evangélica» que vai descobrindo, pelos estudos académicos aplicados ao seu psicodrama. Lutero vestiu as roupas da Igreja Católica e, agora, descobre que precisa de as despir para se salvar. Despindo as roupas da Igreja Católica também despe as roupas associadas à mesma Igreja, isto é, os seus votos, os seus dogmas, os seus sacramentos e a política imperial envolvente dirigida pelo imperador Carlos V.

Ouçamos mais alguns desabafos do reformador nas *Conversas à Mesa*.

«Na minha juventude sucedeu-me em certa ocasião, em Eisleben, no dia do Corpus Christi, quando ministrava com ornamentos sacerdotais na procissão, que me assustei de tal forma diante do Santíssimo, levado pelo doutor Staupitz, que comeci a suar, e até pensei que ia desvanecer por causa da enorme angústia. Depois da procissão confessei-me ao doutor Staupitz, que, ao ver os meus lamentos, me respondeu: “Ai, as vossas aflições não são propriamente as de Cristo!” Aceitei estas palavras com gozo e elas me consolaram sobremaneira.»⁷

⁶ Teófanos Egidio, *Obras*, p. 427 (WA *Tisch* 2, 250).

⁷ *Idem, ibidem*.

Acerca dos seus sentimentos aquando da celebração da sua primeira missa, desabafa:

«Quando celebrei a minha primeira missa em Erfurt, ao ler as palavras “Ofereço-me a ti, Deus vivo e verdadeiro”, assustei-me tanto que até pensei em abandonar o altar; e tê-lo-ia feito se o meu preceptor não mo proibisse. Pensava: “A quem é que estás falando?” Desde então, celebrei sempre a missa com estreme-cido terror, e agradeço a Deus, que me libertou de tudo isso.»⁸

Na celebração da primeira missa, como continua a ser apaná-gio dos sacerdotes católicos de hoje em dia, houve festa no convento dos agostinhos. O pai João apareceu com a família, mas estava zangado com o filho por se ter tornado monge. Disse ao filho: «[Estou zangado contigo] porque ignoras a escritura, que diz: honra teu pai e tua mãe.» Lutero observou-lhe, então, que se tornara monge por causa de uma promessa. Efetivamente, por causa do medo da tempestade, Lutero havia prometido a Santa Ana tornar-se monge se saísse da provação com vida. O pai respondeu-lhe: «Não te pas-sou pela cabeça que poderia ter sido um fantasma?»⁹

Por causa destes medos e demais observações existenciais de Lutero com eles conectados, alguns autores serviram-se da psicanálise para procurar compreender a Reforma de Lutero. Apenas podemos responder que tais medos são normais numa pessoa muito crente em demanda da sua salvação.

Também se tem falado muito, sobretudo da parte antagónica católica, do psicodrama de Lutero alicerçado na sua libido sexual. Como monge agostinho fez um voto de castidade, mas, na reali-dade, era assaltado frequentemente com o pecado do sexo. Lutero, nas *Conversas à Mesa*, teria dito: «Não fui um monge a quem a libido atormentasse sobremaneira. Tive poluições, por necessidades fisio-lógicas. Procurava não olhar para as mulheres quando vinham ter comigo para a confissão. Não queria ver a cara das penitentes. Em Erfurt não ouvi nenhuma em confissão; em Wittenberg apenas três.»¹⁰

⁸ *Idem*, p. 428 (WA 5, 337).

⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ *Ibidem.*

Sobre a mesma matéria continuemos a ouvir Lutero:

«Muitas vezes confessei ao doutor Staupitz, não problemas com mulheres, mas dificuldades com a verdade. Ele dizia-me: “Não te entendo.” Bonito consolo! Outro tanto me acontecia quando me confessava a outros confessores. Em resumo, nenhum confessor me dava importância. Pensava então: “Deves ser o único com estas tentações.” E caminhava como se fosse um cadáver sem vida. Até que, perante a minha tristeza e abatimento, me começou a dizer: “Porque é que estás triste, Frei Martinho?” Respondi-lhe: “E como é que quereis que esteja?” Contestou-me: “Ignoras que esta tentação te beneficia, uma vez que de outra forma Deus não tiraria nada de bom de vós?” Isto nem ele mesmo o entendia, porque imaginava que eu era um sábio muito exposto à soberba e orgulho. No entanto, aceitei-o com o sentido paulino: “Colocaste na minha carne um agulhão” [2Cor 12, 7]. Por isso aceitei-o como palavra e voz do Espírito.

Enquanto monge, era também muito piedoso nos meus tempos papistas; apesar de tudo, encontrava-me tão triste e aflito que cheguei a pensar que Deus me havia retirado a sua graça. Dizia a missa e rezava; não via nem tinha nenhuma mulher, coisa natural na vida de um frade que pertence a uma ordem religiosa. Agora, o diabo fustiga-me com outros pensamentos. Muitas vezes me recriminava: “A quantas pessoas seduziste com a tua doutrina.” Muitas vezes sou invadido de consolação, mas noutras alturas qualquer palavra é suficiente para conturbar o meu coração. Uma vez disse-me o meu confessor, por que recorria a ele com pecados estultos: “És um pateta; Deus não se zanga contigo, és tu que te zangas com ele; não está aborrecido contigo, mas, sim, tu com ele.” Palavras preciosas, grandes, estupendas, que pronunciou iluminado pelo evangelho.

Por isso, quem se sentir alquebrado com o espírito de tristeza, que se defenda contra ele pensando que não está abandonado. Porque Deus criou a comunidade da igreja, e esta irmandade ora para que os seus membros se sustentem uns aos outros, como diz a Escritura: “Ai daquele que está só, porque, se vier a cair, não tem quem o ajude” [Ecl 4, 10]. Nem Deus se compraz com a tristeza do coração, embora a permita; nem deseja que me atormente

por sua causa, embora diga: “Não quero a morte do pecador, etc.”, “alegrem-se os vossos corações”. Não quer servidores que não confiem nele de boa vontade. Pois bem, embora consciente de tudo isto, cem vezes ao dia vejo-me sacudido por pensamentos contrários. Não obstante, resisto ao diabo [...].»¹¹

«Se ao princípio, quando comecei a escrever, tivesse sabido o que depois experimentei e vi, concretamente a oposição e resistência que se faz à palavra de Deus, certamente teria permanecido num tranquilo silêncio, pois não teria tido a ousadia de atacar e incomodar o papa e quase todos os demais. Pensava que pecavam apenas por causa da ignorância e da fragilidade humanas e que não se atreveriam a reprimir deliberadamente a palavra de Deus. Mas Deus largou-me como se larga um corcel a quem se vendam os olhos para que não veja para onde galopar. A propósito disto, disse o doutor [Staupitz] que raramente alguém se lança numa boa obra com conhecimento de causa ou com premeditação, antes, pelo contrário, tudo acontece dentro do erro e da ignorância. Por isso fui empurrado para o ensino e para a pregação agarrado pelos cabelos. Se tivesse sabido o que agora sei, nem dez cavalos poderiam arrastar-me. Por estas mesmas razões se queixavam Moisés e Jeremias, como se tivessem sido enganados [...].»¹²

«O que devemos saber, em primeiro lugar, é se a nossa doutrina, tal como a proclamamos, é a palavra de Deus. Só com esta segurança poderemos ter a firme confiança de que a empresa há de perdurar, tem que perdurar, e que nem o diabo nem o mundo com toda a sua canalha poderão dar cabo dela, por mais que gritem e se esforcem por destruí-la. Eu, graças a Deus, tenho a convicção de que a minha doutrina responde à palavra divina, e afastei do meu coração qualquer outra crença, chame-se como se chamar. Venci quase por completo os pensamentos e tentações que afligiam o meu interior quando me dizia: “Será que pensas ser o único detentor da palavra verdadeira? Não será que os outros também a possuem?” Desta maneira nos ataca Satanás, se lança sobre nós, amparando-se

¹¹ *Idem*, pp. 428-9.

¹² *Idem*, p. 432.

no nome da igreja. Lança-nos em cara: “Estás a destruir o que até agora manteve a igreja como certo durante tanto tempo; com a tua doutrina estás a minar a ordem espiritual e temporal.”

Esta mesma argumentação encontro-a na vida de todos os profetas, quando os responsáveis do governo espiritual e civil lhes diziam: “O povo de Deus somos nós, pois estamos dentro do regime fundado e estabelecido por Deus. Deve-se manter como verdadeiro o que nós, a parte maior e mais sã, decidimos e reconhecemos como tal. Quem sois vós, punhado de loucos, para pretender ensinar-nos a nós?” Porque não basta possuir a palavra de Deus e armar-se dela, mas também estar seguros da doutrina para poder ganhar a batalha. Há que saber dizer: “Tenho a certeza de que o que ensino e creio é a própria palavra de Deus, majestade suprema do céu, de que é a sua vontade e a eterna verdade que não muda; tudo o mais, que não esteja de acordo com isto ou a isto se oponha, é mentira presunçosa, diabólica e falsa.”

E esta convicção é a única que capacita para se lançar num empreendimento, para nele nos mantermos sem medo e poder proclamar: os enganados e os que não têm razão sois todos vós; a minha doutrina é a única reta e a segura verdade de Deus, nela permaneceréi mesmo que todo o mundo diga o contrário. Porque Deus não pode enganar, e eu possuo a sua palavra que não há de falhar e prevalecerá contra todas as portas do inferno [Mt 16, 18]. O mesmo me alenta ao dizer: “Eu porei no teu caminho ouvintes que aceitam o teu ensinamento; deixa-me a mim este cuidado, que eu velarei por ti. A única coisa que deves fazer é permaneceres assíduo à minha palavra.”

Há que ter a convicção de que a doutrina é reta, de que responde à verdade eterna, e não se importar de como a aceitarão os outros. Esta certeza é a vitória contra o demónio; mas não convém discutir com ele quando se está seguro da palavra de Deus, de forma que, mesmo que todos os humanos pensem de outro modo, e até que todos os anjos digam o contrário, tu, no entanto, possas manter-te firme e proclamar: “Eu, não obstante, sei muito bem que esta palavra é a verdadeira.”

O meu único desejo é possuir a palavra de Deus. Não me interessam os milagres, nem as visões extraordinárias. Nem teria em

conta um anjo que quisesse ensinar-me algo que não fosse a palavra de Deus. Só acredito na palavra de Deus e suas obras, porque a palavra de Deus é verdadeira desde o princípio do mundo e a ninguém defraudou. Pois bem, é isto mesmo que experimento de facto, porque tudo acontece em conformidade com a palavra de Deus.»¹³

Lutero, nestas «conversas à mesa», no tal outono da sua vida, deixa-nos uma espécie de testamento. São desabafos sentidos de autobiografia. Ele tem consciência de que foi um instrumento «profético» nas mãos de Deus para reformar a Igreja do seu tempo e de todos os tempos. Os seus medos e sofrimentos são os mesmos que os de Moisés e de Jeremias. Tudo gira à volta da palavra de Deus, que ele redescobriu e pregou em contraste com a Igreja Católica do seu tempo. Travou a luta de Deus contra o diabo e o Anticristo — papa e papistas. A afirmação «eu possuo a sua palavra que não há de falhar e prevalecerá contra todas as portas do inferno», que vem em Mt 16, 18, é uma citação sem fundamento porque o evangelho refere a Igreja e não a palavra. Como veremos, toda a questão bíblica de Lutero reside neste dilema entre a palavra e a Igreja. É um dilema que continua vivo hoje e sempre. O epitáfio de Lutero está nesta sua frase contra o papa: «Durante a minha vida fui a tua peste, papa; com a minha morte serei a tua morte.»¹⁴ Teófanos Egido anota em pé de página: «Este epitáfio foi ditado pelo estado anímico de Lutero, alquebrado pela doença em Esmalcalda (1537). Nos seus momentos de depressão, eram para ele um alívio e um analgésico as invetivas contra o papa.»¹⁵

No outono da sua vida, Lutero traça-nos, através das suas memórias, um cenário que nos leva a perceber melhor a realidade existencial do reformador. Lutero foi um santo? Foi um profeta? Não há dúvida de que foi um reformador — o Reformador. Lutero mudou o mapa religioso da Europa católica.

Voltemos, pois, à sua vida, passo a passo, para o estudar. É um estudo de facto extraordinário.

¹³ *Idem*, pp. 432-3.

¹⁴ *Idem*, p. 457.

¹⁵ *Idem*, p. 457, nota 28.

MONGE AGOSTINHO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Como monge agostinho, consagrado a Deus de corpo e alma, Lutero procurou sempre ser um bom monge, obedecendo escrupulosamente à disciplina espiritual imposta pela regra que professara. Segundo James Atkinson, um dos melhores especialistas, Lutero foi demasiadamente bom católico, demasiadamente fiel e consciente: estava convencido desta realidade. Enquanto Lutero permaneceu no quadro da prática católica corrente — que mais tarde considerou como uma forma de judaísmo, uma salvação pelas obras —, a sua desordem espiritual (que é a de qualquer um, mas com uma intensidade maior) permaneceu sem um diagnóstico, e foi apenas mitigada, mas não curada. Superou este estado de coisas graças ao seu estudo e não ao confessorário ou ao altar; deveria, no entanto, progredir muito mais. O seu preceptor ajudou-o com vários livros, com os escritos dos Padres da Igreja, e discutiu com ele outros casos «difíceis» que tinham acontecido. A uma certa altura apresentou-lhe, com simpatia, o exemplo de Jan Hus, o reformador da Boémia do século XV, descobrindo nos dois uma certa afinidade com a teologia evangélica, e deplorou a condenação à morte de Hus em Constança, respondendo a Lutero que muitos outros membros da ordem pensavam como ele¹⁶.

¹⁶ James Atkinson, *Lutero. La Parola Scatenata. L'Uomo e il Pensiero*, Claudiana Editrice, Turim, 1983 (tradução italiana do original inglês, *Martin Luther and the Birth of Protestantism*, 1968).

A novidade de Lutero em relação à «conversão» de crente cristão não aconteceu como um raio de graça divina, «através do confessionário ou do sacramento do altar, mas como o resultado de um estudo», como diz James Atkinson. Foi uma questão de estudo da exegese bíblica, como veremos. Foi um acontecimento humano de exegese hermenêutica da Bíblia sobre o pecado e a graça, o pecador salvo pela palavra da salvação de Deus em Jesus Cristo, e não pelo mérito das obras.

Como monge agostinho, depois da sua ordenação sacerdotal a 2 de maio de 1507, começou os estudos superiores de filosofia e teologia, na Universidade de Erfurt, com o estudo das *Sentenças* de Pedro Lombardo.

Lutero foi nomeado em 1508 leitor universitário na Universidade de Erfurt. Pouco depois foi enviado pelo superior da ordem, Staupitz, à Universidade de Wittenberg, recentemente fundada, para ensinar filosofia moral e teologia. Comentou a *Ética a Nicómaco* de Aristóteles. Passou uns anos a estudar e ensinar filosofia e teologia segundo os ditames rigorosos da ciência escolástica, que mais tarde, como veremos, vai combater com violência. O curso ministrado aos seus confrades agostinhos em Erfurt, baseado na dialética das *Sentenças* de Pedro Lombardo, deve ter permanecido na sua memória como o paradigma dum ensinamento a rejeitar quando se descobre a verdade na «palavra de Deus da Sagrada Escritura» contra a verdade da racionalidade da filosofia de Aristóteles. Os ataques que, mais tarde, dispara contra a filosofia provêm destes dois mundos antagônicos: a palavra da Sagrada Escritura contra a palavra da filosofia grega e da teologia escolástica.

Mas, antes de entrar como professor na universidade, já tinha estudado os fundamentos filosóficos e teológicos da escolástica medieval das artes liberais distribuídas pelo *trivium* (encontro dos três caminhos) e *quadrivium* (encontro dos quatro caminhos), como vimos. Não havia o estudo da medicina, física, biologia e astrofísica dos tempos modernos. Estas ciências positivas são resultado da aplicação da razão humana na explicação da realidade, a exigir sempre mais o estudo racional e experimental de causas para determinar os efeitos. O mundo medieval era o mundo da teologia e da filosofia. A filosofia era a *ancilla* (criada) da teologia. Tudo convergia

para Deus. As sete artes liberais do *trivium* e *quadrivium*, a partir dos estudos filosóficos de Aristóteles, tinham por fim a compreensão das realidades consubstanciadas na matéria e no espírito. O que interessava era o homem perceber a sua causa primeira e última. Nesse mundo, o homem estudava para elevar o espírito humano e, assim, viver não apenas para o mundo material, rasteiro, de interesses e egoísmos imediatos, mas para o mundo racional, livre e verdadeiro. A razão funcionava a favor do belo e do verdadeiro. E foi assim que a aritmética (a teoria do número) e a geometria (a teoria do espaço), à luz das grandes construções do império grego e romano, serviram de ciência para a construção das grandes catedrais. Apliquemos-lhe a música do canto gregoriano, a lógica racional do pensamento e a retórica que emprestava ao discurso a eficácia do mesmo, e teremos a harmonia do sentido da vida a partir da harmonia da beleza infinita de Deus. A matéria cósmica (cosmologia e astronomia) não passava de um espelho dessa harmonia e beleza maior. A ciência da linguagem, pela lógica racional do pensamento e pela retórica da linguagem, definia, pelo «*verbum*» ou «palavra», a verdade última de Deus. O *logos* (palavra) divino do Evangelho de João 1, 1, feito carne (1, 14), era a forma e a matéria última da razão de ser da criação.

Tomás de Aquino, com a sua *Suma Teológica*, dominou todo o saber filosófico e teológico da Idade Média. Na descrição de Hans Küng, a teologia de Tomás de Aquino «é essencialmente uma **teologia universitária racional**, ou seja, elaborada por professores na *schola* (“escola”), que não se destina antes de mais ao povo e à pastoral, mas aos estudantes e aos colegas teólogos. Todas as obras de Tomás de Aquino — quer se trate das sumas ou das questões disputadas, dos comentários de Aristóteles, do Pseudodionísio, de Pedro Lombardo, de Boécio ou dos comentários dos diferentes escritos do Antigo ou do Novo Testamento, ou, enfim, dos diversos opúsculos — trazem a marca do ensino universitário escolástico. São exclusivamente redigidas em **latim** (Tomás não aprendeu o alemão em Colónia, nem tão-pouco o francês em Paris!), todas elas muito claras, breves e compactas. Qual foi o preço a pagar? Estas obras surgem-nos impessoais, monótonas (em comparação com as de Agostinho), porque seguem sempre um método analítico, cheio

de inumeráveis divisões e subdivisões, de definições conceptuais precisas e de distinções formais, de objeções e respostas, utilizando todos os recursos da gramática, da dialética e da *disputatio*.

Este imenso estendal de técnicas escolásticas sofisticadas e não raro hipersofisticadas não leva, porém, a que Tomás se esqueça da grande tarefa da sua vida. No início da *Suma contra os Gentios*, ele define-a assim: “Tenho perfeita consciência de que me cabe à face de Deus, na qualidade de primeiríssima tarefa da minha vida, o dever de o deixar falar em todos os meus discursos e todas as minhas reflexões.”

Para Tomás, professor de universidade, a “teologia” é assim, como para Agostinho, o discurso responsável sobre Deus. Trata-se de um **“projeto de vida teológico”**, segundo a fórmula de Edward Schillebeeckx, dominicano flamengo: toda a vida de Tomás é entendida “como **serviço ministerial da Palavra** sob uma forma refletida e meditada, responsável, conforme às exigências do seu tempo”¹⁷.

Neste mundo de harmonia divina, teocêntrico, no qual tudo se sujeitava a Deus e só a Deus, desde a política ao direito, sem permissão a um pensamento livre e diferente, como acontecia nas relações da Igreja com judeus e islâmicos, abriu-se uma brecha com a filosofia do nominalismo corporizado na pessoa do franciscano Guilherme de Ockham. Lutero, nos anos do seu combate contra os escolásticos, não esquece nem o nominalismo nem o seu corifeu Guilherme de Ockham. É preciso parar um pouco e estudar o assunto.

Este pensador franciscano nasceu em Ockham, na Inglaterra, em 1288, estudou em Oxford e foi professor de ciências filosóficas e matemática nessa universidade. Foi discípulo de outro filósofo franciscano inglês, Duns Escoto, que está na origem do pensamento filosófico e teológico da chamada «escola franciscana». De Oxford, Ockham passou para a Universidade de Paris. Como seria normal, na escola da «escolástica» escreveu ensaios sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo. Levantou, no seio de teólogos, da Cúria Romana

¹⁷ Hans Küng, *O Cristianismo. Essência e História*, Círculo de Leitores, Braga, 2002, p. 392.

e de muito povo, uma grande controvérsia ao concluir que o papa João XXII, a viver em Avinhão, não dizia a verdade ao interpretar a pobreza evangélica. Tudo isto foi resultado do seu franciscanismo radical ao defender a ala de «Os Espirituais» franciscanos, muito extremista, que se opunha à opulência do papa e à sua teoria sobre a pobreza em defesa própria, contrária ao evangelho na opinião destes franciscanos. Em 1324 foi chamado para se apresentar em Avinhão e prestar contas das suas ideias contra o papa e contra a opulência da corte pontifícia. Quatro anos depois foi excomungado. Teve que fugir para Pisa e, dali, procurar a sua defesa junto do imperador Luís da Baviera, rival do papa, em Munique. O papa João XXII morreu a 4 de dezembro de 1334, e a 20 de dezembro sucede-lhe Bento XII (Jacques Fournier), que procura fazer as pazes com Luís da Baviera, mas é malsucedido, na medida em que os papas de Avinhão dependiam, fundamentalmente, do rei de França. Entre os anos de 1335 e 1337 escreve o *Tractatus contra Johannes XXII* («Tratado contra João XXII»), o *Tractatus contra Benedictum XII* («Tratado contra Bento XII») e o *Compendium errorum papae Johannis XXII* («Compêndio dos erros do papa João XXII»). Em 1338 escreve as *Allegationes de potestate imperiali* («Alegações sobre o poder imperial»). A seguir escreve *An princeps pro suo succursu, scilicet guerrae, possit recipere bona ecclesiarum, etiam invito papa* («Se o príncipe, para seu bem, isto é, para combater, pode receber os bens dos eclesiásticos, mesmo contra o papa»). Entre 1339 e 1342 compõe a segunda parte do *Dialogus* («Diálogo»), o *Breviloquium de potestate papae* («Brevilóquio sobre o poder do papa»), o *Octo questiones de potestate papae* («As oito questões sobre o poder do papa») e o *Breviloquium de principatu tyrannico* («Brevilóquio sobre o principado tirânico»). Em 1342 morre Bento XII e é eleito papa Clemente VI (Pierre Roger de Beaufort), sempre submisso à política do rei francês Filipe VI. O rei Luís da Baviera é excomungado e Clemente VI convida os príncipes eleitores alemães a elegerem um novo monarca. É eleito Carlos da Boémia, da amizade do papa e do rei francês. Ockham escreve *De imperatorum et pontificum potestate* («Sobre o poder dos imperadores e dos pontífices»). Luís da Baviera morre a 11 de outubro e Ockham morre, vítima de uma epidemia de peste, em Munique, possivelmente em 1349.

Para melhor compreender as posições de Ockham sobre o poder do papa, dos reis e monarcas, apresentamos os títulos da obra «As oito questões sobre o poder do papa»:

Questão I: Se uma mesma pessoa pode deter o supremo poder espiritual e o supremo poder secular.

Questão II: Se o supremo poder laical deriva de Deus.

Questão III: A jurisdição dos príncipes e o poder espiritual.

Questão IV: Sobre o poder do rei dos romanos e do imperador.

Questão V: Sobre a sucessão hereditária do rei.

Questão VI: Se o rei se deve submeter a quem o coroa.

Questão VII: A cerimónia da coroação e os direitos do rei.

Questão VIII: Eleição e legítima sucessão. O papel dos príncipes eleitores¹⁸.

Quem levou Ockham a esta posição de confronto com o papa e com a Cúria Romana — nunca esquecer que os papas se encontram em Avinhão — foi a sua liberdade de pensamento. Isto significa que Ockham, com o andar dos tempos, entrou no mundo dos direitos humanos e defendeu a liberdade baseada na consciência da pessoa que está para além de normas eclesiásticas ou políticas. Para Ockham, a pessoa, como ser natural, é caracterizada «pela sua irrepetibilidade e unicidade». Assim sendo, a pessoa é sujeito da sua liberdade e deve apresentá-la em caso de conflito. Defendia

¹⁸ Francesco Camastra, *Guglielmo di Ockam, il Filosofo e la Politica. Otto Questiones circa il Potere del Papa*, Bompiani, Milão, 2002. O autor apresenta a obra de Ockham no original latino e tradução italiana, com uma introdução importante sobre o pensamento em causa. Sobre Ockham e a sua dimensão política de direitos humanos, religiosa, filosófica e social, ver VV. AA., *Ockam, Philosophical Writings*, Hackett Publishing Company, Indianapolis, 1990; Renato Rabbi-Baldi Cabanillas, *La Filosofia Jurídica de Michel Villey*, Ed. Universidad de Navarra, Pamplona, 1990, com o capítulo IX sobre Ockham, Lutero, Calvino, Suárez, Hobbes (pp. 373-408) e, no capítulo X, sobre o direito subjetivo, a parte III sobre o direito como «Poder», «Faculdade» ou «Liberdade» na obra de Ockham (pp. 456-65); L. Baudry, *Guillaume d'Occam. Sa Vie, Ses Oeuvres, Ses Idées Sociales et Politiques*, t. I, *L'Homme et les Oeuvres*, Paris, 1949; S. Simonetta-M. T. Fumagalli Beonio Brocchieri, *Guglielmo d'Ockam. La Spada e lo Scettro. Due Scritti Politici*, Milão, 1997; P. Grossi, *L'Ordine Giuridico Medievale*, Bari, 1995; Vasoli, «*Papato e Impero nel Tardo Medioevo: Dante, Marsilio, Ockam*», in *Storia delle Idee Politiche Economiche e Sociale*, diretta da L. Firpo, vol. 2.º, t. II, Turim, 1983, pp. 543-665.

que a autoridade de qualquer líder, político ou religioso, é limitada pelo direito natural. Desta maneira, não pode existir verdadeira ética sem verdadeira liberdade. Para Ockham, Deus é a fonte da liberdade e não há nenhum poder, religioso ou político, que possa contrariar esta liberdade cristã. Semelhante doutrina não era bem-vista, naturalmente, por teólogos e filósofos e, muito menos, pela Cúria Romana do papa de então. A harmonia teocêntrica daquele mundo, qual sinfonia humana dirigida pela batuta do papa, recebeu uma brecha, uma desafinação. Segundo Ockham, a arquitetura monolítica passava por cima dos direitos humanos, baseados na liberdade, e concedidos por Deus ao homem. Era isto que os distinguiu dos animais — as faculdades humanas são distintas das faculdades dos animais porque quem comanda o homem é a liberdade e a fé e não o puro instinto. Tudo acontece no homem por obra e graça da natureza humana à imagem e semelhança de Deus, racional e livre. Os poderes concentracionários do poder político ou religioso que impeçam esta liberdade não estão de acordo com a criação de Deus.

Ockham chega a estas conclusões de psicologia humana e de filosofia e teologia a partir da escola filosófica do *nominalismo*.

Para compreender melhor o assunto, em perspectiva humana, temos que regressar a Platão e à sua alegoria da caverna. Os humanos vivem dentro duma caverna iluminada pelas ideias ou universais dum mundo hiperurânico. Estas ideias entram na caverna como sombras da realidade universal. O homem «da caverna» deve ser filósofo para descobrir o mundo das ideias, dos modelos universais a abraçar. Com esta descoberta torna-se livre, consciente, inteligente, sábio, sem se deixar escravizar pelo homem material, carnal, de meros instintos.

Os nominalistas defendem, pois, que os universais são apenas «nomes», palavras, signos, como se se tratasse de etiquetas vindas de um mundo conceptual e semântico para nos entendermos na «barafunda» dos particulares. São «formas» (moldes) das quais saem automóveis, flores, animais e homens.

Sem dúvida que quanto acabo de expor é mero «arremedo» exemplar duma realidade muito mais vasta e complexa. Mas a verdade é que os filósofos, depois da Idade Média, embarcaram

neste mar dividido entre universalismo e nominalismo. Os filósofos materialistas, empiristas, positivistas, da filosofia analítica, defendem o nominalismo: Hume, Berkeley, Sartre, Foucault, Heidegger, Derrida, Habermas. Os defensores do universalismo também costumam afirmar que o universalismo contém o nominalismo de maneira subentendida, mas o nominalismo não contém o universalismo.

Para Ockham, o mundo platônico das ideias com existência própria e realidade própria, independente do espírito que as pensa, é contrário ao mundo da criação divina, isto é, ao mundo das criaturas, todas particulares, sejam rosas, estrelas, animais ou homens. O único «molde» é Deus e, no homem, a alma. É pelos dons da alma humana — inteligência, razão, consciência, fé — que entendemos a criação, a verificamos, estudamos e experimentamos. Neste sentido, Ockham distingue o mundo da fé e o mundo da razão, o mundo infinito de Deus e o finito da criação, o mundo da razão pura e o da razão prática (I. Kant). Como vimos, para Platão, o mundo das ideias, no hiperurâneo das mesmas, era o único real, onde reina o verdadeiro conhecimento de que o homem se deve servir através da filosofia, enquanto para Ockham o mundo do experimentalismo pertence ao mundo da criação, dos particulares. O mundo *ideal* (mundo das ideias de Platão) só existe como linguagem. Deste modo, Ockham é precursor ao defender que não se pode provar a existência de Deus pela razão ou pela ciência — Deus seria uma experiência sensorial. Deus é sempre o totalmente outro e não precisa das nossas «roupagens» humanas. Também é nesta base que Ockham defendia, de modo radical e extremo, a pobreza de Jesus Cristo contra a opulência da corte pontifícia. E foi assim que defendeu a filosofia do pensamento simples com a célebre frase latina «Pluralitas non est ponenda sine necessitate» («As entidades não devem ser multiplicadas além do necessário»). Este pensar transformou-se, a nível de filosofia, teologia e ciência, na célebre «navalha de Ockham», isto é, entre duas ou mais teorias que explicam as mesmas coisas, a mais simples é a verdadeira. Desta forma, o «despojamento» ou a «pobreza» franciscana de Ockham aplica-se à teoria do pensamento da ciência experimental, a começar pela vida da Igreja, necessitada de um grande «despojamento».

Na prática, Ockham, como muitos outros, procurou despojar a Igreja da opulência de riquezas e fogos-fátuos. A defesa de Ockham pela pobreza evangélica resulta num modelo de direito social e político já exposto pelos Atos dos Apóstolos: não se trata duma pobreza apenas social e miserabilista, mas duma pobreza social em que os que possuem devem partilhar com os que não têm. O pobre depende apenas de Deus e não do papa ou dos ricos. Para Ockham, esta liberdade fazia parte intrínseca da ontologia do ser humano, frente ao papa, aos príncipes, aos reis. Só Deus podia determinar as balizas desta liberdade de consciência. A liberdade evangélica era a lei suprema de todas as liberdades. Os papas de Avinhão não pensavam assim. Eram eles que punham e dispunham da liberdade de consciência do povo de Deus, fossem leigos ou clérigos, príncipes ou frades. A teocracia e a hierocracia papais eram absolutas. Para eles não havia leis civis nem direitos humanos e direitos naturais exógenos. Nenhum indivíduo constituía, como tal, só pelo facto de ser pessoa caracterizada pela sua irrepetibilidade e unicidade, um mundo de ação e liberdade em relação aos superiores políticos ou religiosos. Para Ockham, a partir do Evangelho e de Francisco de Assis, o indivíduo, seja ele quem for, pelo direito natural, está fora da alçada de qualquer manipulação do poder. Os súbditos, enquanto indivíduos, ligados ao direito natural, não estão obrigados a obedecer aos seus superiores, se estes «os obrigam a qualquer tipo obediencial contrário às escrituras divinas ou ao direito natural», ou se é «evidente prejuízo do bem comum», ou «possa constituir detrimento para a salvação da alma e do corpo»¹⁹. Como veremos, Lutero pensava da mesma maneira. As semelhanças entre os dois são profundas, mas foi Lutero, e não Ockham, Erasmo, Francisco de Assis, Savonarola e tantos outros, que ficou na história como o Reformador. O nosso estudo levar-nos-á a concluir que a filosofia, a escolástica e, bem assim, o direito natural, tão depreciados por Lutero, devem ser tidos em conta. E a concluir que a «descoberta» de Lutero em relação à «Palavra de Deus», que o libertou do seu psicodrama, facilmente se transforma num

¹⁹ *Dialogus de potestate papae et imperatoris*, pars I, lib. V, c. 5, e *Breviloquium de principatu tyrannico*, lib. I, c. 8, p. 11; lib. II, c. 21, p. 63.

«universal» de radicalidade divina de consequências difíceis de definir à luz da história religiosa e política. A *Tóra* para os judeus, o *Alcorão* para os islâmicos, a *Sagrada Escritura* para os evangélicos, a *Igreja* para os católicos podem transformar-se em «universais» da verdade única a impor sem dó nem piedade. Podem transformar-se em hipóstases divinas, que não são. Nesta dialética reside o melhor e o pior da fé religiosa. Será a História, no seu dinamismo dialético, quem ditará a palavra final, aos «particulares» humanos, homens e mulheres, «criaturas de Deus». O desafio é grande.

Este mundo escolástico de dialética, racionalidade e fé terá uma importância enorme em Lutero, de luta e controvérsia.